

INTRODUÇÃO

Com a evolução das sociedades, e a modernização das formas de atividades físicas, as práticas de aventura destacam-se cada vez mais no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, modalidades como o surf, skate, paraquedismo, slackline e outros, estão mais evidentes nas vias midiáticas (TAHARA; DARIDO, 2016). Dessa forma, abordar as práticas corporais de aventura (PCA) como conteúdo das aulas de educação física torna-se interessante, haja vista a predominância dos esportes coletivos, considerados modalidades hegemônicas, como o futebol, voleibol, basquetebol e handebol, provocando o esquecimento de outras competências da cultura corporal de movimento (DARIO; RANGEL, 2005). Por isso, verificamos a necessidade da inserção de outros conteúdos como meio de diversificar os conhecimentos repassados durante as aulas de educação física.

Diante disso, as atividades de aventura podem estimular o interesse e envolvimento dos alunos nas aulas de educação física devido à sensação de fuga da rotina e emoções diferenciadas (GUIMARÃES et al, 2007).

Por meio de uma Resolução publicada no Diário Oficial da União, em 2007, o Ministério do Esporte caracterizou esportes de aventura como:

“O conjunto de práticas esportivas informais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento.” (Ministério do Esporte, 2007, p. 107).

O nosso interesse surgiu a partir da nula vivência e/ou estudo das práticas corporais de aventura ao longo da nossa formação desde a educação básica até o ensino superior. Portanto, observamos a importância de socializar as nossas vivências na Escola de Aplicação da UFPA (EAUFPA) proporcionadas pelo projeto Residência Pedagógica da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Dessa forma, objetivamos compartilhar as nossas vivências a fim de identificar possíveis dificuldades e possibilidades na inserção das práticas corporais de aventura (PCA) na educação física escolar.

METODOLOGIA

Esse trabalho configura-se como um relato de experiência, caracterizando-se como abordagem qualitativa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), utilizando o método da pesquisa exploratória com a finalidade de conhecer melhor esse universo das práticas corporais de aventura no âmbito escolar e refletir sobre as possibilidades e dificuldades do uso das mesmas como conteúdo e ferramenta de ensino. A coleta de dados deu-se em três etapas distintas: observação direta, construção de diários de campo e análise dos dados coletados pelos residentes da EAUFPA durante as aulas de educação física nas turmas de primeiro a quarto ano do ensino fundamental I, durante o período de 5 semanas, o qual aconteceram as aulas teóricas e práticas sobre as práticas corporais de aventura. As atividades realizadas foram: escalada no chão, teia de obstáculos, simulação de “falsa-baiana”, corrida orientada e slackline.

A EAUFPA possui uma estrutura diferenciada em relação à maioria das escolas públicas de Belém do Pará, grande e com várias áreas abertas, áreas arborizadas, areal, parques, ginásio, campo de futebol, quadras de areia, além das salas, laboratórios e variedade de materiais para serem utilizados nas aulas, o que possibilita a implementação de várias modalidades e atividades, incluindo as práticas corporais de aventura.

Para a elaboração desse trabalho, foi feito uma investigação nos diários de campo que tinham como relato o conteúdo ministrado nas aulas, destacando trechos que evidenciassem as dificuldades e possibilidades desse conteúdo.



DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Este capítulo trata-se da descrição das atividades realizadas com as turmas de 1º a 4º ano do ensino fundamental I.

AULA TEÓRICA

Em sala, por meio de slides, a professora apresentou os conhecimentos básicos sobre as práticas corporais de aventura, contendo informações sobre o esporte de aventura mais praticado no Brasil e no mundo, quais as motivações para a sua criação, a história de alguns esportes e locais em que podem ser praticados. A aula foi finalizada com um vídeo sobre os 10 esportes mais radicais do mundo. Houve grande dispersão em determinadas turmas, algumas crianças não conseguiam se manter paradas afim de preservar a concentração.

ESCALADA E TEIA DE OBSTÁCULOS

Os alunos deveriam andar uma distância de 3 a 4 metros em quatro apoios no chão caracterizando uma escalada, seguindo para pegar um dos cones que estavam dentro da teia de obstáculos, a qual consistia em barbantes entrelaçados numa extremidade da quadra. O aluno que tocasse em algum barbante precisava deixar o cone no mesmo local e retornava ao final da fila. Assim sendo, cada indivíduo era livre para escolher a técnica que iria usar para passar pelos obstáculos, por isso, algumas crianças pulavam, rolavam no chão, enquanto outras passavam lentamente. Além disso, durante a interação dos alunos, compararam os obstáculos (barbantes) a lasers e que estavam em uma missão na qual deveriam resgatar as “joias” perdidas (cones).

Para os alunos do 3º e 4º ano, foram realizadas algumas adaptações, como a introdução de duas pessoas com bola, fazendo com que os alunos se esquivassem dos arremessos durante o retorno à fila.

SIMULAÇÃO DE “FALSA-BAIANA”

A atividade referia-se a um educativo de uma das práticas de arborismo (falsa-baiana), que se resumia em uma corda esticada a uma altura específica por toda a extensão da quadra de uma trave à outra, a qual permitia que os alunos segurassem na mesma e andassem sem soltar as mãos. Desse modo, a imaginação dos alunos foi além, e afirmaram que estariam sujeitos a muitos perigos caso soltassem a mão da corda. Inclusive, uma das crianças alegou estar nervosa para participar da atividade, porém, enfrentou o desafio.

CORRIDA ORIENTADA

Tratava-se de pistas que deveriam encontrar, lá continham orientações para que encontrassem a seguinte, os alunos percorreram juntos diversos espaços da escola, como a quadra, a área arborizada chamada de grande floresta, o ginásio, o pátio conhecido como salão vermelho, o espaço inclusivo, a coordenação, depois finalizaram na quadra. As turmas se envolveram bastante e participaram com muita empolgação. A orientação era que todos completassem o trajeto juntos.

SLACKLINE

Iniciou-se com uma conversa inicial sobre a história e as três regras principais da prática do slackline: abrir os braços, olhar para um ponto fixo e manter os pés posicionados para frente. No primeiro contato, os alunos apenas andaram sobre a fita. Em sequência, na segunda aula, passaram a explorar outras possibilidades de movimentos ao tentar levantar uma das pernas, deitar ou sentar na fita (com o auxílio dos residentes). Houve uma considerável aceitação dessa prática por parte dos alunos, ainda que, para a maioria, tenha sido o primeiro contato.

PROVAS

Os alunos realizaram uma prova referente à quarta avaliação do ano letivo, a qual exigia pinturas, desenhos e respostas objetivas e discursivas a respeito dos esportes de aventura mais praticados, da sua história, das vivências das aulas, e locais mais propícios para a sua realização. Desse modo, buscando verificar



o entendimento do conteúdo, observamos que alguns estudantes demonstraram pouco domínio sobre os conhecimentos básicos sobre PCA. Os alunos expressaram muitas dúvidas e, em alguns casos, o embaraço se deu por não saberem o significado da expressão “espaços urbanos”. Houve, inclusive, uma minoria que não sabia o mínimo possível.

DIFICULDADES E POSSIBILIDADES

Decorrente da leitura e análise dos diários de campo, identificamos a dificuldade de assimilação dos conceitos teóricos, provavelmente pelo fato das práticas corporais de aventura estarem fora da realidade da maioria dos alunos. Em contrapartida, identificamos a possibilidade de utilização de materiais de fácil acesso, visto que nas atividades descritas foram utilizados apenas barbantes, cones, cordas, papéis e a fita de slackline, a qual foi cedida. Observamos também que o conteúdo em questão pode ser lecionado em diferentes séries, ainda que haja a necessidade de adaptações para o aumento da complexidade. Vale à pena ressaltar o fácil envolvimento e estímulo da imaginação, devido às práticas de aventura apresentarem o desafio e a superação como partes intrínsecas dessas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este processo de experimentação, nos deparamos com a dificuldade de assimilação dos conceitos teóricos, que também pode ser proveniente da dispersão dos alunos durante a aula teórica. Porém, ao vivenciarmos as práticas corporais de aventura na escola, verificamos que suas possibilidades peculiares podem ser consideradas mais relevantes em relação as suas limitações, evidenciando assim, que esta proposta temática pode ser uma boa alternativa para a diversificação dos conteúdos nas aulas de educação física.

Nessa perspectiva, extrapolando as possibilidades para além das nossas experiências, constatamos oportunidades de atividades em espaço não escolar, como parques, museus, bosques e outros, além da viabilidade de experimentar outras modalidades de PCA, como trilha, ciclismo, tirolesa, entre outros, apenas exigindo planejamento prévio. Também percebemos a possibilidade de confecção de materiais específicos para as aulas, juntamente com os alunos. Em vista disso, é possível concluir que a inédita experiência com as práticas corporais de aventura foi muito proveitosa para o nosso processo de capacitação para a prática pedagógica.



CORPORATE PRACTICES OF ADVENTURE: DIFFICULTIES AND POSSIBILITIES AT THE SCHOOL OF APPLICATION OF UFPA

ABSTRACT

It is a problem of experience that is not relevant to the difficulties and difficulties in teaching corporate adventure practices. The analyzes are carried out from the sessions of physical education class, of building a period of time and of the same action. Thus, the concepts of assimilation of students on concepts of science, a possibility of using easily accessible materials and the greater involvement of the students experiencing a theme were highlighted.

KEYWORDS: *Corporal Practices; Possibilities; Difficulties.*

PRÁCTICAS CORPORATIVAS DE AVENTURA: DIFICULTADES Y POSIBILIDADES EN LA ESCUELA DE APLICACIÓN DE UFPA

RESUMEN

Se trata de un relato de experiencia en el que objetiva identificar las dificultades y posibilidades encontradas en la enseñanza de las prácticas corporales de aventura. Por medio de la construcción de diarios de campo, oriundos de observaciones, se destacaron elementos en cuanto a la asimilación de los alumnos sobre conceptos teóricos, la posibilidad de utilización de materiales de fácil acceso y la fuerte implicación de los alumnos vivenciando la temática.

PALABRAS CLAVES: *Prácticas Corporales; Posibilidades; Dificultades.*

REFERÊNCIAS

- DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.
- Diário Oficial da União, seção 1 Nº 197, 2007, pg 107 Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/conselhoEsporte/resolucoes/resolucaoN18.pdf>> acesso em 10 de abril de 2019
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. 1º Edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4º edição. São Paulo: Atlas S.A., 2002.
- TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. *Práticas Corporais de Aventura em aulas de Educação Física na Escola. Conexões*; Campinas, SP v. 14 n. 2 p. 113-136 abr./jun. 2016.

